

Ícones

Autor(a): Eneiva Gláucia de Souza Franco | **Saiba mais sobre o(a) autor(a)**
Co-Autor(es): não há
Tema: História
Subtema: Sociedade e Instituições
Referência geográfica do conteúdo: Campestre - MG, Brasil
Data de publicação: 22/08/2009
Línguas disponíveis: Português
Situação do artigo/trabalho: (Artigo/Trabalho em apreciação)

Clique nas imagens para ampliar



Sete Cidades – Ilha de São Miguel – Açores



Funchal – capital da Ilha da Madeira



Vila da Lagoa – Ilha de São Miguel – Açores



Imagem de São José que se encontra no altar lateral do lado direito da Matriz de Nossa



Eneiva Gláucia de Souza Franco

RESUMO

" Em Minas Gerais, a Supremacia açoriana é bem maior do que se pensa".

CONTEÚDO

Ícones

açoriana é bem maior do que se pensa".

Texto extraído das

publicações: Lucas Borges de Carvalho, Subsídios Históricos e Genealógicos e Pedro José Muniz: História,

Genealogia e Memórias.

De autoria de Eneiva Gláucia de Souza

Franco. **AÇORIANOS: Ícones de Nossa História** - Quanto aos açorianos, Gervásio de Lima, deixou sua máxima nestas palavras: " A emigração foi a maior riqueza das terras que a receberam". Este heróico povo, portador de tanta nobreza moral, ajudou a povoar muitas partes de terras de Minas Gerais. Aqui no Sul de Minas, chegaram em longa data. Mais precisamente, com presença comprovada desde 1723.

Na parte sul, de nosso estado, são várias as cidades que tiveram seus fundadores oriundos dos Açores.

O "Descoberto" de Cabo Verde, território este, onde se incluía as terras "do Campestre", também teve a sorte de acolher esta gente obreira. Entre estes, existiram aqueles, que com o tecer do tempo, transformaram-se em ícones de nossa história.

I.O- açorianos- A História de Campestre tem seu fio de origem entrelaçado ao de Portugal, mais precisamente aos lendários povos açoreanos e madeirenses. Pois, Açoreanos são os naturais do Arquipélago de Açores, que foi dividido em três distritos administrativos: o de Ponta Delgado, de Angra dos Heróis e da Horta, situado no Atlântico Norte, a meio caminho entre a Europa e a América do Norte, enquanto que os naturais do Arquipélago da Madeira são chamados de Madeirenses.

Os Açores, Paraíso Celúrio do Atlântico, pedaço de Terra encontrada no meio do mar, estão entre as últimas ilhas ainda vivas na Terra. São nove pequeninas ilhas espalhadas, como um punhado de pérolas, por 600 quilômetros do Atlântico, distando uns 1.600 quilômetros da Capital Portuguesa, Lisboa.

Lendárias, poéticas, pictóricas, possuem uma exuberância indizível, a poluição não se faz presente. Possuem campinas com flores rechonchudas e amistosas, que atraem a vista e põem suaves toques de ternura nos corações visitantes. O nome Açores foi tirado de uma espécie de falcão muito comum no Arquipélago. Açores e Campestre se assemelham na feliz comparação do poeta desconhecido: "pérola branca engastada entre morros e colinas!".

São Miguel, a maior das Ilhas, com cerca de 750 km², é a mais populosa, bela, exuberante e importante delas, um autêntico Éden de fertilidade sem par, desde as frutas de cores vistosas até os animais pesados, de carga e transporte. Águas minerais escorrem de seu solo pródigo, como líquidos cristalinos e insetos de asas multicoloradas ajeitam por sobre suas campinas abertas em flores, atapetadas de pétalas coloridas. A Ilha de São Miguel recebeu seu nome do Arcanjo São Miguel, acredita-se que a descoberta da ilha tenha ocorrido no mesmo dia em que se comemora este santo padroeiro.

Veio deste paraíso aquele que ocupou uma enorme extensão de terras nos Campos do Cabo Verde: Pedro José Muniz e foi, com verdade, a primeira raiz da grande árvore genealógica da família Muniz plantada em Campestre. Dele descendem Francisco José Muniz e Manoel José Muniz e mais outros cinco irmãos.

As emigrações não são acidentes de percurso que determinam as idas e vindas de povos para terras estranhas. Todo esse ciclo emigratório envolve fatos econômicos, políticos, humanos e sociais que fazem com que os homens criem raízes, plantem sua gene e edifiquem histórias, cidades e civilizações.

Quando as Ilhas dos Açores ficaram superpovoadas, além do empobrecimento catastrófico produzido por erupções vulcânicas e estiagens prolongadas e inclementes, muitos dos seus habitantes emigraram para o nosso país. Alguns, para o sul das Gerais. No que vieram dar em uma enorme extensão de terras chamada de "Campos de Cabo Verde". Sendo que, parte dessas localidades, deram origem ao município de Campestre.

Com relação aos pioneiros, como vieram dar aqui nas paragens campestinas desse nosso Sul das Gerais, as teses históricas apontam diversas e múltiplas possibilidades. Para os que chegaram posteriormente, a política de emigração de casais das Ilhas de Madeira e Açores para o Brasil, aparece integrada nesse vasto rol de afirmações hipotéticas ou, quem sabe, de absoluta veracidade. Nos Registros da Câmara do Funchal, Livros 25 e 26, figuram relação de casais ilhéus que se inscreveram com destino ao Brasil. São dados em manuscritos fidedignos e na medida em que citam os nomes, idade, grau familiar, profissão e naturalidade dos emigrantes, datados de vinte de julho de mil setecentos e quarenta e sete. Várias cartas estão anexas a esse Documentário, trocadas entre D. João V, D. José e D^a. Maria e o Corregedor das Ilhas dos Açores e os Governadores e Capitães-Gerais da Madeira. Essa correspondência régia tem seu início em nove de agosto de mil setecentos e quarenta e sete e justifica a saída dos casais sob os motivos de superpopulação, indigências e males subseqüentes, ao mesmo tempo em que aponta as vantagens de emigrarem para o Brasil e trazerem para a terra os benefícios culturais advindos dessa anexação racial à raça nativa brasileira. D. João V manda que sejam transportados para o Brasil até quatro mil casais Açoreanos, contanto que fossem Católicos Romanos.

Além do mais, todo o transporte e fixação dos casais de ilhéus eram feitos às expensas da Fazenda Real, assegurando aos mesmos condições necessárias para uma boa instalação na nova terra. Os Açoreanos ansiavam conhecer e desbravar novas terras. Unindo seu sangue pujante ao dos paulistas que povoaram as Minas Gerais, os Açoreanos foram ganhando terrenos e semeando sua gene e sua imperiosa ânsia de desbravamento e de conquista de povoado em povoado deixando nesses locais as marcas indelévels de sua genealogia, trabalho e ambição conquistadora.

A lembrança dessas famílias se faz presente nos nossos hábitos, costumes e dizeres, pois, foram muitos os açoreanos que chegaram em tempos variados, aos DESCUBERTOS DE CABO VERDE, vasta área de terras que incluíam o atual município de Campestre.

Dentre esses muitos açoreanos citamos:

<!--[if !supportLists]--> <!--[endif]-->Pe. Agostinho Machado Fagundes, nasceu em doze de outubro de mil setecentos e vinte e sete, na Ilha de São Miguel, foi batizado na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Estrela, da Vila de Ribeira Grande. Foi padre em Itajubá, depois foi nomeado pelo Bispo de São Paulo para a Freguesia de Ouro Fino, onde ficou de mil setecentos e sessenta a mil setecentos e sessenta e dois. Até que aos vinte e três dias do mês de outubro de mil setecentos e sessenta e quatro foi nomeado pelo Bispado de Mariana para Cabo Verde, substituindo o Pe. Joaquim Pedrosa de Almeida. O Pe. Agostinho Machado Fagundes, ficou em Cabo Verde até mil setecentos e sessenta e cinco. Segundo Dr. José Guimarães por esse período a Paróquia de Ouro Fino estava anexada à de Cabo Verde.

<!--[if !supportLists]--> <!--[endif]-->Pedro José Ferreira Godinho, morador em Cabo Verde, natural da Ilha de São Miguel, avô-paterno de Ana Inácia, primeira esposa do capitão Francisco José Muniz.

<!--[if !supportLists]--> <!--[endif]-->André de Souza Travassos, natural da Ilha de São Miguel, seu nome assim consta no Catálogo de Sesmaria: **“SESMEIRO: TRAVASSOS, André de Souza, LOCAL, FREGUESIA, DISTRITO, TERMO, COMARCA: Par. das Carrancas, encostada à Ser. Branca, DATA: 08fev.1770, CÓDICE: SC.172, PÁGINA:09”** Catálogo de Sesmarias, Série: Instrumentos de Pesquisas, ano: XXXVII – 1988, vol.11 da Revista do APM., pág.:211

De Carrancas, deslocou-se para a Freguesia de Cabo Verde, foi morador no Córrego das Guardas e veio a falecer no ano de mil oitocentos e dezenove no bairro São João da mesma Freguesia de Cabo Verde: **“No ano de mil oitocentos e dezenove, em setembro no bairro São João desta Freguesia de Cabo Verde com os sacramentos de penitência e extrema Unção da moléstia, me não souberão dizer faleceu de vida presente ANDRÉ DE SOUZA TRAVASSOS, natural da Ilha de São Miguel, de idade de setenta annos pouco mais ou menos. Casado com Ana Fernandes. Não fez testamento.”** Paróquia de Nossa Senhora da Assumpção de Cabo Verde, ano1819.

No tempo em que André de Souza Travassos foi morador no **“córrego das guardas”**, ele batizou Ana Gertrudes Muniz, filha de Pedro José Muniz e Ana Maria das Neves.

<!--[if !supportLists]--> <!--[endif]-->André Vieira da Fonseca, morador no bairro Bartolomeu/CV. era natural da Ilha de São Miguel, casado que foi com Genoveva Maria, natural de Ouro Branco, do Bispado de Mariana. André Vieira da Fonseca foi filho de Manuel Vieira da Fonseca e Domingas de Faria. Os pais de Domingas de Faria foram: José Correa e Apolonia Maria da Conceição, também naturais da Ilha de São Miguel.

<!--[if !supportLists]--> <!--[endif]-->José da Costa, natural da Ilha de São Miguel, casou-se com Ana Margarida, natural de Cabo Verde, foram moradores no bairro São José/CV.

Com referência a fixação de Ilhéus em localidades do atual município de Campestre podemos constatar registros e documentos em que foram citados: Francisco José Botelho natural da Ilha de São Miguel, filho de André Botelho e Isabel Raposo também natural da Ilha de São Miguel. Francisco José Botelho foi morador na Fazenda Pouso Alegre, Vanglória, Lajes do Muzambinho e finalmente estabeleceu na fazenda da Cachoeira Grande, do atual município de Campestre.

<!--[if !supportLists]--> <!--[endif]-->Mateus Martins Lemes César, morador na Borda do Mato, do atual município de Campestre, filho de José e Maria Leme. Sua propriedade afigura-se, no caminho de Santana, dentro do que consta no Mapa de Manoel R. Guimarães, de mil setecentos e setenta e oito. Teve uma filha de nome Maria das Neves que foi madrinha de Ana Gertrudes Muniz, filha de Pedro José Muniz e Ana Maria das Neves, demonstrando com esse fato laços de amizade entre essas famílias.

<!--[if !supportLists]--> <!--[endif]-->Pedro José Muniz com terras no capim do Brejo, Borda do Mato, Varginha da Vanglória e a grande Fazenda Vanglória, declarou ser **“morador na estrada Ouro Fino - Cabo Verde”**, na posição onde hoje situa-se parte do município de Campestre. Seus filhos tiveram terras na Fazenda Jardim, Pião, Capim do Brejo, Borda do Mato, Varginha, Pouso Alegre, Posses e no Campestre.

A exemplo dos primeiros sessenta casais açoreanos que emigraram no ano de mil setecentos e quarenta e dois para o sul do Brasil e fundaram uma aldeia de quatrocentas pessoas e que mais tarde ganhou o nome de Porto Alegre/RS. Em nossa região, descendentes de Açoreanos também fundaram cidades como Botelhos, Campestre, etc... Marcando presenças vividas e pujantes na cultura nos traços fisionômicos, nos hábitos e no culto aos santos de devoção.

Os açoreanos emigraram para o Brasil com firme determinação de escaparem da miséria, do esmagamento populacional e de construir aqui, numa terra fértil e vasta como os horizontes sem limites, a sua civilização, plantaram à sombra da cruz sua fé, sua cultura.

De acordo com o culto genealogista Dr. José Guimarães: **“os Açoreanos eram homens de elevada estatura de porte ereto e elegante, louros, olhos azuis, gente ordeira e laboriosa, prolifera de idéias ousadas e corajosas”**.

Em Campestre nossas famílias souberam guardar as tradições que aqui chegaram através dos primeiros povoadores e que, em sua grande maioria eram ilhéus oriundos da Ilha da Madeira, do Arquipélago de Açores e especialmente da paradisíaca Ilha de São Miguel de onde, entre outros, como já dissemos, também era natural Pedro José Muniz, o primeiro Muniz de Campestre, o qual adveio uma enorme família ampliada graças ao entrelaçamento entre os elementos dessa mesma família. Pois, o isolamento social causado pela enorme extensão de latifúndios, reforçava e favorecia a aceitável endogamia, tão comum em certas circunstâncias. Também era natural e conveniente o entrelaçamento entre vários membros das mesmas famílias amigas.

A exemplo, podemos verificar o fato entre os próprios filhos de Pedro José Muniz e Ana Maria das Neves. Sendo que dois filhos de Pedro José Muniz casaram-se com duas filhas do português Antônio Nunes Carvalhaes, natural de Lisboa e Maria da Cruz, natural de Parnaíba e morador no bairro das Guardas, município de Cabo Verde. E mais uma que também casou-se com um filho do mesmo Antônio Nunes Carvalhaes e Maria da Cruz e mais um filho de Pedro José Muniz casou-se com a neta materna de Antônio Nunes Carvalhaes e Maria da Cruz, conforme podemos verificar abaixo:

- Manoel José Muniz, filho de Pedro José Muniz e Ana Maria das Neves, c.c. Maria da Anunciação, primeira esposa, filha de Antônio Nunes Carvalhaes e Maria da Cruz.

- O Capitão Francisco José Muniz, filho de Pedro José Muniz e Ana Maria das Neves c.c. Ana Francisca das Chagas, segunda esposa, filha de Antônio Nunes Carvalhaes e Maria da Cruz.

- Maria Gertrudes do Sacramento, filha de Pedro José Muniz e Ana Maria das Neves, c.c. João Nunes Carvalhaes, filho de Antônio Nunes Carvalhaes e Maria da Cruz.

- Joaquim José Muniz, filho de Pedro José Muniz e Ana Maria das Neves, c.c. Maria da Cruz, filha de Jerônimo da Costa Pinheiro e de Maria da Assunção n.m. de Antônio Nunes Carvalhaes e Maria da Cruz.

Essa gente e outras foram se unindo aos que aqui chegavam e, pouco a pouco, foram compondo nossa história.

<!--[if <!--[endif]-->

2.0- ÍCONES DA NOSSA HISTÓRIA

Não é nosso intento, extrair dos primeiros povoadores de nossa terra, apenas a ampliação dos títulos nobiliárquicos, embora saibamos também da importância destes, neste sentido. Foram estes heróis que sulcaram a face áspera do sertão, que pouco a pouco foi sendo vencido, dando origem ao núcleo do povoamento. É justo que seus nomes sejam mercedores de notoriedade. No entanto, em razão da pobreza conceitual, nunca o rol das homenagens da historiografia local lhes fez jus.



Helena e Eneiva



Cecília Vera Cruz



Mariana Emília da Conceição Muniz



Inácio José Muniz



Busto da figura de Antônio José Muniz, filho de José Joaquim Muniz e Ana Justina de

Escolhemos Pedro José Muniz e Lucas Borges de Carvalho, entre tantos povoadores que merecidamente podem ser chamados de ícones da nossa história. Não relegamos ao esquecimento os que chegaram antes deles e nem tantos outros, homens e mulheres, figuras anônimas que ajudaram a escrever a história do homem da terra. Guardamos viva a memória destes personagens quase mitológicos, que habitaram esta região, em diferentes épocas, configurando a história local. Sonharam com as riquezas minerais. Fizeram uso da agricultura de subsistência. Beneficiaram-se dos pastos naturais. Cobriram a terra com seus filhos. Deram alma e vida ao povo que haveria de vir.

2.1 – PEDRO JOSÉ MUNIZ

Natural da Ilha de São Miguel, é uma das primitivas presenças de Açores em terras Mineiras.

As lacunas existentes na sua Biografia dão origem a questionamentos e especulações de todo tipo. Mas a História, como um mosaico gigantesco, vai compondo, fragmento por fragmento, a realidade que se nos afigura.

Sabe-se, com absoluta certeza, através de Documentos Paroquiais de Cabo Verde, que Pedro José Muniz era natural da Ilha de São Miguel, Açores, e que pertencia a Família Moniz.

Foram consultados os Arquivos Nacionais/Torre do Tombo, Portugal, sobre a origem histórica do nome "Moniz", designativo dos que vieram da Ilha de S. Miguel Açores para o Brasil, bem como o respectivo Brasão de Armas; obtivemos a resposta, em correspondência de 17 de dezembro de 1.993, da Subdiretora/Professora/Doutora Manuela Mendonça, quando nos foi informado que poderíamos encontrar explicações na obra: "Armorial Lusitano - Genealogia e Heráldica, Editorial Enciclopédia Ltda., obra dirigida e coordenada pelo Dr. Eduardo Martins Zuqueta. Esta obra foi importante para elucidar que é Família muito antiga; Gil Aires Moniz, seu ancestral, viveu na época de D. João I e era parente do condestável D. Nuno Alves Pereira.

OS MONIZES possuíam Brasão e Armas que atestam sua distinção genealógica: a cor usada era o azul, com cinco estrelas de sete pontas de ouro, postas em sautor. Timbre: um leopardo de azul com uma estrela no escudo na testa. "Vasco Gil Moniz, filho de Gil Aires, escrivão de puridade do Condestável, e de sua mulher, Maria Pires, casou com D. Leonor de Lusignan. Membro dos Monizes, Pedro José Moniz era filho legítimo de Francisco Araújo e Maria Moniz, que, com certeza, poderiam estar entre os inscritos no registro de emigrantes Ilhéus que vieram para o Brasil. "De acordo com os livros de navegação da época, calcula-se que mais de dez mil pessoas deixaram Portugal de 1705 a 1750". Pedro José Muniz, amante da Ilha encantada e paradisíaca de S. Miguel, aqui veio encontrar uma natureza de exuberância e coloração semelhantes às de sua terra. A paisagem, a flora, a fauna, tudo aqui tem muito daqueles ares de lá, da "boa terra lusitana" de Pedro José Muniz. Deslumbrado com as cercanias verdejantes, vales e colinas deste pedaço de terra mineira, acredita-se que o Ilhéu decidiu permanecer por aqui. A terra era fértil. As campinas abertas em flor de todos os aromas e matizes. A profusão de insetos e aves canoras voltejando nos ares límpidos de um azul majestoso. Os tímidos pintassilgos, os canários de dourada cor, as mesmas borboletas de asas de cor de ouro, as mesmas pastagens, a vegetação semelhante, tudo isso o levava a se sentir em casa. Decidiu ficar. E fez dos Campos de Cabo Verde o seu novo lar.

Examinando os documentos originais de cartórios de registros lusitanos, qualquer historiador pode comprovar a exatidão dos dados. Cada nome de emigrante aparece acompanhado pela sua respectiva identificação. O perfil do indivíduo é descrito com requintes de identificação. Foram muitos os que tiveram os seus perfis descritos mais ou menos assim: "... rosto redondo, olhos azuis com sobrancelhas quase loiras, da mesma cor do cabelo, temperamento sanguíneo, boa saúde..."

Bastou-nos analisar fotografias antigas de descendentes do Ilhéu Pedro José Muniz, mais precisamente, bisnetos seus, como Inácio José Moniz, Campestre, e descobrimos traços de absoluta semelhança, bem como de outros emigrantes madeirenses e açorianos aqui fixados por volta de 1742 e 1751. Uma diferença apenas: em lugar de "rosto redondo", vamos encontrá-los com um rosto ligeiramente comprido, mas com o mesmo tom de cabelo e sobrancelhas, olhos claros, estatura elevada, pele sanguínea, corada, saudáveis, e com uma expressão quase doce e ingênua. Assim continuam nascendo os filhos da família Muniz Campestre, evidenciando, sem sombra de dúvida, a sua origem lusitana. Em 1767, a paragem dos Campos de Cabo Verde afigura-se na CARTA GEOGRÁFICA DA CAPITANIA DE MINAS GERAIS, visto que a cidade de Cabo Verde já havia sido descoberta por Veríssimo João de Carvalho, em 1762, conforme consta no Arquivo do Estado de São Paulo, Caixa: 27, Ordem: 259.

Embora essa região já tivesse sido marcada com as picadas feitas por Veríssimo João de Carvalho, o mato teimava em encobri-la, e a região continuava selvática. Em 1764, estas picadas foram reabertas por Dom Luiz Diogo, mas, apesar de tudo, esta região continuava quase desértica. Era representada apenas por um ponto assinalado da Carta Geográfica de 1767, mas que representava atrás de si um marco de ocupação de um solo, do qual Pedro José Muniz viria a ser o primeiro ocupante efetivo.

Esta paragem dos campos de Cabo Verde é a única parte plana do atual município de Campestre, cercada pela muralha natural da selva que o rodeava. Tinha um aspecto belo, mas selvagem, era uma localidade de aspecto simplesmente deslumbrante, como as terras madeirenses e açorianas, decantadas pelos historiadores portugueses. Os campos onde se fixou o Ilhéu Pedro José Muniz poderiam ser comparados ao Paraíso Terrestre pelo conjunto exuberante, formado entre céu, terra, pássaros, flores, frutos e clima. O verde ostensivo das várzeas, onde, à noite, o coaxar dos batráquios era uma orquestra ritmada, triste e incomparável. As serras, com os campos nativos de um verde-esmeralda quase artificial, os capões de mato com ipês em floração nos meses de julho e agosto, o vermelho sanguíneo dos cipós tapés, das pitangueiras, contrastando com o roxo contrito das quaresmeiras e a variada aquarela das orquídeas silvestres.

O aspecto era totalmente selvático. Nenhum ser humano ali se fixara dantes. Isso podia ser comprovado pelo número de coivaras, cipós, pela vegetação; tudo cheio de obstáculos naturais e de serpentes e animais semi-aquáticos de porte ameaçador e indomado. O mundo alado de insetos e pássaros era incomensurável. Aves de plumagem coloridas, desde as minúsculas até as mais avantajadas, povoavam aquela reserva vegetal idílica e maravilhosamente entalhada no meio das colinas azuis de Minas. Bem-te-vis, macacos, pintassilgos, joões-de-barro, rolinhas, jacus e jacutingas esvoaçavam livres e intocáveis naquele paraíso de verdura. As flores silvestres bordavam, com sua beleza policrômica, os campos, e enternecia o coração.

À tarde e pelas manhãs, as aves canoras faziam um barulho quase ensurdecedor: tucanos atrevidos, de vistosas plumagens, araras azuis e papagaios espalhafatosos, periquitos ingênuos, pintassilgos minúsculos, canários cabeças-de-fogo, bem-te-vis, enfim, uma plêiade infinita de passarinhos. As frutas eram abundantes, de apetitosa cor, naquele sertão paradisíaco: pitangas vermelhas em moitas maciças intermináveis; jabuticabas fartas, juás selvagens e guabirobas exóticas, tudo numa mistura de aromas e sabores deliciosos. Assim, sem maiores saudades dos ares de S. Miguel, poderia dar continuidade à sua vida de migrante. Gado, aves, plantações, tudo ali era viável. Um novo futuro lhe abria os portais de uma forte esperança. Renascer. Renascer. Nunca retroceder... Que um Ilhéu não retroceda nunca!

E aquele homem audaz, de físico forte, de alma sensível e temente a Deus, de fé católica inquieta e firme, meio lavrador, meio profeta, aqui fixou sua nova vida... Encheu sua alma de ostentação, voltou os olhos para os campos conquistados e os chamou de Campos da Vanglória. Em 24 de dezembro de 1779, ao passar pelo Registro de Ouro Fino, Pedro José Moniz declara-se como morador nos campos de Cabo Verde; em 29 de Abril de 1780, como morador na Vanglória, caminho de Cabo Verde". Estas terras, hoje constituem o bairro "Vanglória", terras do município de Campestre, cuja ostentação poética está no próprio nome.

As lacunas persistem... A História é reticente, recatada e fechada à chave no que diz respeito aos detalhes mais claros e decisivos... O folclore sobre o primeiro *MONIZ* (forma atualmente abreviada para *MUNIZ*) começa com sua inserção na fileira dos emigrantes Açorianos e Ilhéus e não termina. A Ilha de S. Miguel e todo o Açores, embalados por um mar selvagem e cúmplice, que cintila muito azul sob o céu, se revestem de uma beleza mística e agreste, que muito se assemelha à terra tomada sob posse por Pedro José Moniz. Colinas, vales, montanhas, tudo revestido de muita verdura, muito frescor, muita vida pulsante e inquieta. A única diferença é a ausência do mar aqui, que lá, é intenso, azul, próximo e cúmplice de sua gente, pois dele é tirado o sustento, ao lado da agricultura e da viticultura. Saudoso de sua "Pérola do Atlântico", Pedro José Moniz, engastou aqui, no sul das Gerais, uma outra pérola, entre vales, campos e montanhas: "CAMPESTRE: a pérola da Colina!" E aquele azul indizível do oceano Atlântico, daquele mar generoso, de sua aldeia, Pedro José Moniz não o perdeu; e o reencontrou aqui na cor dos olhos de todos os descendentes dos Monizes. Um azul vívido, límpido e remanescente obstinado de um povo...

Jesus (neto paterno do Capitão da Guarda Nacional Francisco José Muniz e Ana Francisca das Chagas)



Francisco José Muniz e Manoel José Muniz tem seus nomes gravados em uma placa comemorativa fixada na Praça Brasil na cidade de Campestre/MG., conforme pode-se observar na foto abaixo



Praça Brasil, Campestre/MG. Busto da figura do Major Antônio José Muniz



Ilha de São Miguel (*)



Fumas - Ilha de São Miguel (*)

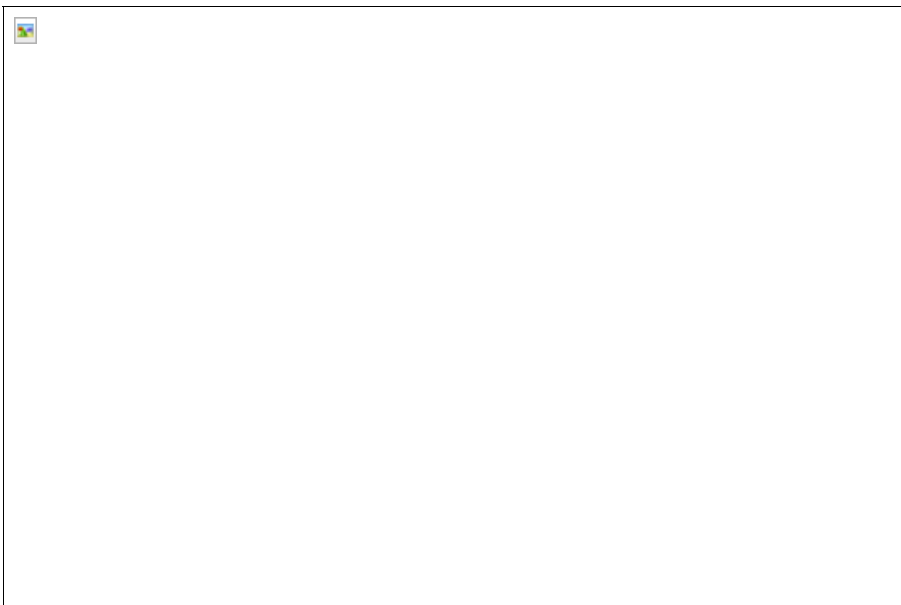


Funchal

Ademais, Vanglória, que ostenta, em seu próprio nome, essa qualidade que evoca beleza, exuberância, nobreza, infinitude, foi o pouso do primeiro Moniz, donde sobrevém toda uma Família, que foi constituída juntamente com sua esposa Ana Maria das Neves, natural da cidade de São Paulo, filha de Lucas Borges de Carvalho e Rita Correa da Luz. Do matrimônio de Pedro José Moniz e Ana Maria das Neves, vieram os seguintes filhos: Manoel José Moniz, n. em 1776, Francisco José Moniz, n. em 1778, Gertrudes Maria do Sacramento, n. em 1780, Antônio José Moniz, n. em 1782, Ana Gertrudes Moniz ou do Nascimento, n. em 1786, e Joaquim José Moniz, em 1792. As gerações que se seguiram estão descritas no livro *Pedro José Muniz: História, Genealogia e Memórias*.

Pedro José Moniz, natural que foi da Ilha de São Miguel, aqui encontrou um outro lar, legando a todos, que passam a conhecer sua história, uma infinita vontade de conhecer esta fantástica Ilha. Hoje, graças ao encurtamento das distâncias, feitas, pelas modernas vias de comunicações, podemos conhecê-la um pouco melhor. Segundo dados rastreados e colhidos via Internet, pesquisas em fontes diversas e conhecendo-a pessoalmente constatamos que a belíssima Ilha de São Miguel ainda conserva seu selvático e romanesco aspecto e seu perfil de sonho. A foto "In fine" nos dá uma visão atual e fiel da terra do desbravador Pedro José Moniz, representada em "Sete Cidades". In PEDRO JOSÉ MUNIZ: História, Genealogia e Memórias. 2001.

<!--[if !vml]-->



<!--[endif]-->

Sete Cidades – Ilha de São Miguel – Açores

Assinatura de Pedro José Muniz servindo-se como testemunha do matrimônio de Antônio José de Siqueira e Anna Maria da Assunção

Paróquia de Nossa Senhora da Assunção de Cabo Verde/MG.

Livro de Casamentos de 1787 – pág. 41v. e 42

<!--[if !vml]-->



<!--[endif]-->

Pedro
José Muniz,
natural que foi da
Ilha de São
Miguel.

Homem

audaz de físico forte e de alma sensível, temente a Deus, de fé católica inquieta e firme, meio lavrador, meio profeta, pois ao fixar-se no Campestre, sabia que ia ajudar a povoar o que, um dia, foi um sertão.

DESCENDÊNCIA DE

PEDRO JOSÉ MUNIZ

E

ANA MARIA DAS NEVES

1.1 Manoel José Muniz

1.2 Francisco José Muniz

1.3 Gertrudes Maria do Sacramento

1.4 Antônio José Muniz

1.5 Ana Gertrudes Muniz

1.6 Joaquim José Muniz

2.2- LUCAS BORGES DE CARVALHO

Funchal – capital da Ilha da Madeira



<!--[if !vml]--><!--[endif]-->

Sertanista em terras paulistas e mineiras, foi um dos ocupantes do solo campestre. Nasceu, no ano de 1727, na Freguesia de Nossa Senhora do Calhau, na cidade do Funchal, capital da Ilha da Madeira, onde também foi batizado. Era filho do mercador Manoel

Borges de Carvalho, natural da Ilha de São Miguel, Açores, e de Antônia Maria Barreto, natural de Nossa Senhora do Calhau, Madeira, sendo filha de Felipe de Cairos e de Luiza Francisca. Manoel Borges de Carvalho e Antônia Maria Barreto casaram nesta mesma Paróquia de Nossa Senhora do Calhau, onde levaram a batismo outros dois filhos na Catedral do Funchal, que foram:

1 - Rosa, em 1736, conforme livro 23, fl. 8 verso.

2 - Vicência em 1741, livro 23, fl. 133.

Nesses dois assentos, diz-se que Manoel Borges de Carvalho era natural da Ilha de São Miguel, em Açores, filho de Pedro Borges e de Joana Pimentel, neto materno de Felipe de Cairos e de Luiza Francisca.

Pedro Borges casou-se, em primeiras núpcias, aos 9 dias do mês de maio de 1697, em Nossa Senhora do Rosário, Vila da Lagoa, Ilha de São Miguel Açores, com Joana Pimentel, filha de Antônio Fragozo e Maria de Pimentel. Joana foi batizada na Freguesia do Rosário aos 16 dias do mês de novembro, em 1705, na Freguesia do Rosário, sob anotação B376 - Livro de casamento da "Freguesia de Nossa Senhora do Rosário, Vila da Lagoa, Ilha de São Miguel-Açores".

Em segundas núpcias, Pedro Borges casou-se com Maria de Souza, filha de... (ininteligível), possivelmente ser Francisco, segundo folha 369 do Livro de Batizados da Paróquia de Nossa Senhora do Rosário. Vila da Lagoa, Ilha de São Miguel, Açores.



<!--[if !vml]-->

Vila da Lagoa – Ilha de São Miguel – Açores

<!--[endif]-->

Aos dez anos de idade, em pleno despertar da infância, Lucas Borges de Carvalho deixou seus pais na Ilha da Madeira e, em companhia do tio, Manoel Jacinto emigrou, corajosamente, para terras brasileiras<!--[if !supportFootnotes]--> [75]<!--[endif]-->. Em (1.713) 1737, chegava ao Rio de Janeiro. Apesar de garoto, começou a trabalhar no serviço de Tropas do Caminho novo das Gerais, que ligava o Rio de Janeiro a Minas, onde tomou conhecimento da existência de ouro nas Gerais, nos chamados "descobertos". Viveu por cerca de dez anos nesses locais, sem fixar morada, tendo passado dois ou três meses na casa de Duarte da Silva. Como tropeiro, permaneceu, depois de 1747, pelos descobertos e pousos do caminho de Goiás, e, então, Lucas conheceu mais profundamente os arraiais auríferos de Douradinho, Ouro Fino, Santana do Sapucaí (hoje Silvanópolis), Cabo Verde, Jacuí e do desemboque nas cabeceiras do rio das Velhas.

Com 24 anos de idade estava fixado na freguesia de S. José do Mojimirim, S. P., no ano de 1751, e desejava, então, constituir família, para dar um rumo certo à sua vida itinerante de tropeiro. Um tropeiro era apenas e nada mais que um homem sem pouso certo, um aventureiro das estradas, um cavaleiro das paragens sem fim... Até que, um dia, os seus caminhos da razão e do coração cruzam-se com os da senhorita Rita Corrêa da Luz, jovem de estirpe da árvore genealógica dos "Lemos".

Ela era natural da cidade de São Paulo, filha de José Corrêa de Lemos e de Maria Machado de Azevedo, tendo sido batizada na Igreja Matriz, em 24 de Junho de 1726. Neta, pelo lado paterno, do Alferes José Corrêa de Lemos e de Ana Maria do Prado, e, pelo lado materno, de Simão Vieira de Azevedo e de Maria Machado.

Os "autos de Justificação de Estado Livre" de Lucas Borges de Carvalho deram-se em 1752 e se encontram nos arquivos da Cúria Metropolitana de São Paulo. [76]

A corajosa e suave Rita, com 26 anos de idade, uniu-se a Lucas, numa cerimônia sigilosa, celebrada por um pároco da cidade vizinha. O caráter secreto da cerimônia deu-se em virtude de Lucas estar sendo ameaçado de morte pelos irmãos da noiva, que não aceitavam um tropeiro por membro da tradicional família paulistana. O casamento de Lucas e Rita foi celebrado aos 19 dias do mês de Abril de 1752, na Igreja de N. Sra. da Conceição de Mogi do Campo, hoje Mojimirim. Após o enlace, Lucas e Rita, amedrontados com as ameaças de vingança dos Lemos, mudaram-se para a Freguesia de Nossa Senhora do Desterro do Juquiri (hoje Mairiporã), S. P., mais tarde fixaram-se no bairro do Pilar, hoje Pilar Velho, em Ribeirão Pires, S. P. Lucas e Rita possivelmente transitavam pelo Caminho do Pilar, local que fica em São Bernardo do Campo, em uma antiga faixa de estrada, que ligava S. Bernardo com Santo André, Mauá e Ribeirão Pires. Ainda hoje, prevalece o antigo nome de "Caminho do Pilar" que vai até à Avenida Coronel Fernando Prestes, S.P. [77]

Pilar Velho (Ribeirão Pires) era ponto de passagem dos que iam e (ou) vinham no trânsito entre São Bernardo - Moji das Cruzes. Através do Pilar, passava-se pelos campos de Taiacupeba e Guaió em direção a Moji. Pelo lado norte do atual centro de Mauá, onde ainda hoje se observa a paisagem verde ao fundo da cidade, passava, em seu espigão, o chamado caminho de Caguaçu. [78]

Na Capela de Nossa Senhora do Pilar, em Ribeirão Pires, Rita foi sepultada, após uma curta existência de 10 anos ao lado do esposo Lucas. Essa Capela, onde Rita teve seu repouso final, havia sido fundada por um antepassado seu, o capitão-mor Antônio Corrêa de Lemos. A Capela de Nossa Senhora do Pilar, local onde repousam os restos mortais de Rita, foi reconhecida na figura do Capitão Lemos, o protetor da ermida, que a deixou definida, por ordem da Diocese do Rio de Janeiro, na Sé, que afirmou textualmente: "...os parâmetros da Capela de Nossa Senhora do Pilar de quem é protetor o Capitão-mor Antônio Corrêa de Lemos", devem ser das cores: "branco, roxo e verde"; por tempo de dez meses ..." de aspecto singular, foi construída em pagamento a uma promessa feita a Nossa Senhora do Pilar, pelo Capitão-mor Antônio Corrêa de Lemos, em 1714, era de sua fundação. [79]

Antônio Corrêa de Lemos veio a falecer aos vinte e três dias do mês de julho de mil setecentos e trinta e cinco. [80]

Após sua morte, foi anexada à Capela uma torre, em 1809, com uma cruz no seu cume - erigida em taipa de pilão com uma fachada lateral semelhante às casas dos bandeirantes e com um "corredor" separando as paredes caídas de branco.

No ano de 1765, na cidade de São Paulo, foi feito um recenseamento onde aparecem os pais e irmão de Rita Correa da Luz. E assim são citados: nº. de fogos: 036.

Homens:

- nº. 1193 - José Correa de Lemos, 60 anos de idade e tendo 80\$000, como cabedais.

Mulheres:

- nº. 1463 - Maria Machada de Azevedo, com 50 anos de idade.
- nº. 1464 - Izabel, com 38 anos de idade.
- nº. 1465 - Inez, com 25 anos de idade.

No mesmo recenseamento do ano de 1765, Lucas Borges de Carvalho também foi recenseado na cidade de São Paulo, no bairro do Pilar então subordinado à companhia de ordenanças do bairro de CAGUAÇU, constando os seguintes elementos: Lucas Borges de Carvalho, viúvo, quarenta anos de idade, com cabedais (bens) avaliados em trezentos reis e estando acompanhado dos filhos: 1. Rosa, com oito anos de idade, 2. José, de sete anos de idade, 3. Maria, seis anos de idade, 4. Ana, com cinco anos de idade [81]

Entre outros bens, Rita deixou um sítio no Rio das Pedras, perto da cidade de Santos S. P., alguns escravos e uma tropa. [82]

ela deixou também imagens de sua devoção, e que seriam, futuramente, veneradas no oratório da Fazenda Pouso Alegre, e, entre estas imagens, certamente estava a da venerável Nossa Senhora do Carmo.

Do seio da família "Lemos", tradicional família paulistana, saíram homens fortes, empreendedores, que galgaram montanhas, conquistaram terras, descobriram ouro e plantaram cidades. Desta família saiu Rita, com sua fé, sua devoção. Na pequena Capela do Pilar, esta lendária Rita está sepultada, mas permanece viva entre nós pelo vínculo de sua convicção religiosa que foi tão bem plantada, no que há de mais belo entre os seres humanos: o poder da crença. Do matrimônio de Lucas Borges com Rita, vieram os seguintes filhos:

1. Rosa Maria de Jesus, casado com Francisco José Botelho.
2. José Borges de Carvalho, casado com Francisca Antônia de Moraes (primeiras núpcias) e Maria Ferreira (segundas núpcias).
3. Maria Correia da Luz, casada com Lourenço Martins.
4. Ana Maria das Neves, casada com Pedro José Moniz.

O que sabemos é que, entre outros, deve-se, também a Rita Corrêa da Luz, primeira esposa de Lucas Borges de Carvalho, a devoção a Nossa Senhora do Carmo, Padroeira do Campestre, tradição essa que chegou até aqui por sua filha, **Ana Maria das Neves**, que veio a ser esposa do açoriano Pedro José Muniz, donde provém o tronco genealógico dos fundadores desta terra, os **Muniz (ou Monizes)**. Casada com o jovem açoriano, da Ilha de S. Miguel, Ana Maria das Neves, filha de Rita e de Lucas, aqui veio se radicar nos campos da Vanglória, município de Campestre. Devota fervorosa da Santa Virgem do Carmo, para cá trouxe, com certeza, uma réplica da Imagem de Nossa Senhora do Carmo. Num culto envolto em uma aura de mistérios e coincidências, Ana Maria das Neves ajudou a imortalizar, nas paragens campesinas daqui, tão parecidas com as verdes terras da Ilha de seu esposo Pedro José Moniz, a figura matronal, suave e tema da Senhora do Carmo. É uma grave e perenal religiosidade que move os habitantes de Campestre, como que abrigados sob as mãos leves e brancas da matrona do Escapulário, trazida de além-mar...

Em Campestre, portanto, a devoção a Nossa Senhora do Carmo existe desde a posse dessas terras, assim como os fiéis veneráveis da Ordem Terceira do Carmo, cuja prática devocional consistia e ainda consiste no emprego do calor do entusiasmo filial e da fé inabalável e apaixonada a Deus e a Nossa Senhora do Carmo. Sabe-se que muitos bandeirantes e ilustres paulistas, inclusive da família de Rita Corrêa da Luz, foram Irmãos Terceiros do Carmo. Até os nossos dias, a Irmandade do Escapulário prevalece em Campestre como uma árvore remanescente da milenar sementinha plantada por Ana Maria Neves, filha de Rita e Lucas, no seio da Igreja Católica desta terra. Temos aí o verdadeiro fio luminoso da História, entrelaçado ao cordão inquebrantável da fé. Temos em Campestre o reflexo do passado místico de uma família. O símbolo inapagável de uma vida. Tudo isso é MINAS e outras terras que se abraçam. Minas, fé. Minas, tradição. Minas, de gente rezadeira, conrtrita, apegada aos laços religiosos, políticos e morais. Eis o verdadeiro refazer, recompor, montar mosaicos e painéis do próprio tempo ontem gasto, relembado, eternizado.

Campestre, assim: centenária e atual. Campestre histórica. Campestre simples, arraigada, presa à tradição lusitana, paulista, mineira ... A história de Lucas e de Rita se confunde com a própria história da vida: real, dolente, autêntica e carregada de reticências e lacunas infindas. Cumpre-nos continuar e contá-la e a decantá-la ...

Depois de 1765, Lucas casou-se com Anna Nunes Cardoso, natural de Taubaté, S. P., filha de Fernando Munhós de Siqueira e de Gertrudes Maria de Jesus de Taubaté S. P., neta, pelo lado paterno, de Tomé Nunes Paes, natural de Moji das Cruzes S. P., e de Violante Cardoso.

Até cerca de 1770, eles permaneceram na cidade de São Paulo. Por estes tempos, Lucas Borges de Carvalho continuava como um condutor de tropas, ocupando a função de arrieiro. Era um tropeiro nato; mais que isso: era um homem de caráter rijo e inquebrantável, de porte rude e austero. Era um tropeiro, sim, mas como todos os tropeiros daquela época, recebia dos outros estima e consideração, pois tinham que ser honestos e cumpridores de seus tratos. Deviam ser pessoas em quem se podia depositar grande confiança, conquanto grandes negociações se faziam apenas na garantia da palavra empenhada. Os tropeiros daquela época, além de conduzir suas tropas, aglutinavam na sua pessoa outras funções: banqueiro

e carteiro, ao mesmo tempo, já que tais instituições - bancos e correios - não existiam no Brasil Colônia. Trocavam dinheiro por barras de ouro e vice-versa. Levavam e traziam notícias pelas extensas e intermináveis andanças que faziam por um país de tamanha grandeza, em terras sem fronteiras e sem limites. E foi com sua coragem, lisura e boa disposição, que Lucas Borges, ainda como morador na Capitania de São Paulo, comprou, de Francisco de Carvalho Guimarães, uma parte de terras na Capitania de Minas. De acordo com o texto abaixo, encontrado no processo 1435 –A.N.:

“morador na Capitania de Sam Paulo foi a Praça de Santos onde comprou fiado a Francisco de Carvalho Guimarães, uma partida de fazenda sua, do que passou o crédito e gerou na forma de costume, cujo o crédito consta da certidam, junta número primeiro que se oferece na prova desse artigo. Da mesma, consta o importe da dita conta (...) ele conduziu a fazenda que havia comprado para Freguesia de Cabo Verde da Capitania de Minas ... A fazenda comprada do dito Guimarães no tempo que girava para Goiazes era arriador da tropa do doutor Antônio Fernandes do Valle de quem ganhava salário” <!--[if !supportFootnotes]-->[83]<!--[endif]-->.

Segundo Carvalho, <!--[if !supportFootnotes]-->[84]<!--[endif]-->

o arriero, não raro, dono da tropa, traja decentemente e traz poncho azul ferrete, forrado de baeta encarnada caindo sobre as botas de couro.

Compondo a vestimenta, era comum o adorno de uma faca com cabo de prata, acompanhado de pistola. Ornava-o, sobre os ombros, para dar mais realce, uma toalha branca, que era um destaque, e com ares de distinção. “O arriero cavalgava em um belo animal ricamente arreado”, trajava com esmero diferenciando-se dos demais. Os trajes de arriador usados por Lucas Borges foram guardados até o fim de seus dias, até que foram distribuídos entre os seus herdeiros, pois, foram declarados juntamente com os outros bens, em seu Inventário. Após a compra desta partida de terras que ficava na capitania de Minas Gerais, Lucas e sua família transferem-se para a região do Descoberto de Nossa Senhora da Assunção de Cabo Verde. Esta partida de terra comprada ficava situada nas cabeceiras do Rio Machado.

Conforme texto original nas fls. 1881, 188 (v) e 189, A. P. N. - R.J., no Processo 1435, esta propriedade

situada em um recanto deserto lugar ermo, onde haviam feras como onças que destruíam as criações, pantanos que encharcavam e matavam os animais, sem extraçam de mantimentos muito longe dos sentamentos, com rios pantanos, seca, pontes que com grande detrimento se passavam e com muito risco no tempo de águas ...

Aquele lugar não tinha título legítimo da referida Fazenda e a maior parte do seu território se estava devoluta (serve para nascer matos), sem caminho nem pontes porque somente tinha cultivado ao redor do sítio a distância de meia légoa pouco mais ou menos, Lucas depois que para ela entrou foi que apossou e cultivou muitas terras devolutas que se acham dentro das confrontações, além das outras muitas que também por estar devolutas as possuiu sem dar encima das divisas

Esta propriedade recebeu de Lucas a denominação de Fazenda Pouso Alegre. A Pouso Alegre era “hábitat” de feras, como onças pintadas que atacavam manguieiros e currais e dizimavam as criações durante as noites quentes de luar oleoso e sonolento. Os pântanos abismais encharcavam-se nas grandes chuvas de inverno e invadiam os terrenos onde os animais se refugiavam, atemorizados e vitimados pela incontinência das águas.

Essa “Pouso Alegre”, feérica e selvagem, foi domada por Lucas Borges de Carvalho. Além da referida partida de terra comprada, ele se apossou (“apossou”) de outras terras que, em sua maior parte, era um território devoluto, sem caminhos nem pontes. O ex-aventureiro de Funchal dela se apossou (“apossou”), passando a cultivá-la, a desbravá-la e a povoá-la com gado, porcos e demais animais domésticos de médio e de pequeno porte.

Tomando posse das terras que ficavam nas cabeceiras do Rio Machado, Lucas Borges de Carvalho encontrou ali, nos campos, o pouso certo e definitivo para a sua inquietude de tropeiro itinerante. Ali, no cenário meio rude e selvagem, numa paisagem bela e agressiva, fundou a lendaria *FAZENDA POUSO ALEGRE*. O próprio nome define bem a sua intenção de *POUSO*, de residência fixa, de propriedade privada. Pouso para suas intermináveis andanças. *ALEGRE* para sua permanência definitiva num lugar que lhe devia encher os olhos e o coração de velhas lembranças e doces saudades de sua terra natal, unidas à sua determinação de ficar.

Além das terras que Lucas comprou, ele também tomou posse de uma vasta área de terras que eram devolutas. Estas terras devolutas passaram a ser chamadas por ele de *POSSES*, e tal denominação era por ele usada como uma forma de fazer distinção entre as terras compradas e as tomadas sob posse (“apossadas”). Estas terras “apossadas”, que assim permanecem até os dias atuais, são ainda conhecidas por *POSSES*, e constituem o bairro Posses, município de campestre.

Lucas morava na Pouso Alegre e dividia residência com casas de morada de que era também possuidor no arraial de Cabo Verde. “A Fazenda de Lucas Borges de Carvalho era uma das melhores do termo da Vila da Campanha”. Processo 1435 - p. 66 A.N. - R.J.

Assim era Lucas. E apesar da distância das gerações que o separam do nosso momento atual, podemos conhecer o madeirense pelos traços que foi deixando em suas intermináveis andanças pelas terras mineiras. Talvez por suas origens ilhoas, Lucas possuía uma ânsia maior pela grandeza das coisas, que iam além de sua paixão pelo ofício de tropeiro <!--[if !supportFootnotes]-->[85]<!--[endif]--> e da ambiciosa procura pelo ouro e pó. Ouro e pó. Ouro em pó. Essa dualidade atraiu Lucas para o seio cáldio e fecundo das colinas do Campestre. Mas na medida em que a economia da região saía da época das minerações, com a escassez das minas, acontecia o abandono dos garimpos decadentes. Juntamente com a exaustão do ouro, os aventureiros do metal precioso transformaram-se em criadores de gado. A fortuna que vinha da grupiara passa a ser substituída pela economia pastoril. Sem sombra de dúvida, foi o ouro verde das pastagens naturais que acabou fixando Lucas Borges de Carvalho e toda a sua família nos campos da Pouso Alegre. Esta Fazenda fica localizada no bairro dos “Campos”, município de Campestre - M.G., e que até os dias atuais permanece com a mesma denominação: “Fazenda Pouso Alegre”.

Do segundo matrimônio de Lucas Borges de Carvalho, agora com Ana Nunes Cardosa, vieram os seguintes filhos: Joaquim Borges de Carvalho, Lucrecia Maria de Jesus, Antônio Nunes de Carvalho, Ana Maria da Assunção, Francisca Nunes Cardosa. Cujas descendências já foi descrita no livro: Lucas Borges de Carvalho, Subsídios Históricos e Genealógicos, desta mesma autora. in "LUCAS BORGES DE CARVALHO: SUBSÍDIOS HISTÓRICOS E GENEALÓGICOS"-1998.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Daniel de. *Novos Estudos e Depoimentos*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1959.

CASASSANTA, Guerino. O registro de Ouro Fino, 1776-1782. In *Gazeta de Ouro Fino*, 1953

DOCUMENTOS INTERSSANTES, para a História e Costumes de São Paulo. Typographia a Vap. Espíndola, Siqueira e Comp., São Paulo. 1896, V. XI.

FRANCO, Eneiva Gláucia de Souza. *Lucas Borges de Carvalho - Subsídios Históricos e Genealógicos*. 1ª. Ed., São Paulo: Edicon, 1988.

FRANCO, Eneiva Gláucia de Souza. Pedro José Muniz: História, Genealogia e Memórias. 1ª. Ed., Aparecida São Paulo: Editora Santuário, 2001.

GANCHO, Cândida Vilarés; TOLEDO, Vera Vilhena de. *Inconfidência Mineira. Editora Ática, São Paulo. Série Princípio, 1991.*

LIMA JÚNIOR, Augusto. *A Capitania das Minas Gerais*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1978.

SANTOS, Wanderley dos. *Antecedentes Históricos do ABC paulista - 1550-1892. Secretaria de Educação, Cultura e Esportes - Departamento de Cultura - Prefeitura do Município de São Bernardo do Campo, SP - 1992.*

3.0- Antepassado

Antepassado

“Só te conheço de retrato,

Não te conheço de verdade,

Mas teu sangue bofe em meu sangue.”

Carlos Drummond de Andrade

In: Drummond Frente e Verso, 1989

Antes de mil setecentos e sessenta e cinco, já existiam os burgos onde edificaria a atual cidade de Campestre. As localidades dos Campos, O Campestre e o Taquaral já afiguravam no Mapa da Capitania de Minas Gerais em mil setecentos e sessenta e cinco. E, na Carta Geographica da Capitania de Minas Geraes e Partes Confinantes, ano de mil setecentos e sessenta e sete, confeccionada por ordem de Luiz Diogo, em que mostram as referidas localidades atravessadas pela picada de Veríssimo João de Carvalho, fazendo ligação entre Ouro Fino e Cabo Verde. Quanto as demais áreas da vasta região, onde hoje se localiza o atual município do Campestre, no seus primórdios, constituíam-se por enormes extensões de terras que podem ser chamadas de "Primitivas Fazendas" e que foram ganhando denominações, que são usadas até os dias atuais como: Fazenda da Vanglória, Borda do Mato, Pouso Alegre, Posses, Pião, Rio do Peixe, Cachoeira Grande, Tijuco Preto, Córrego do Ouro, Pinheiros, etc., constituindo atualmente muitos dos bairros do município de Campestre.

Logicamente foram os moradores desses primitivos burgos, que vieram a constituir as famílias formadoras do povo campestrense. Os membros da Família Muniz estão presentes em nossa história, pois, constam entre os pioneiros que ocuparam e povoaram nossa terra.

Pedro José Muniz, já aos vinte e quatro de dezembro de mil setecentos e setenta e nove, registrou-se "como morador nos campos de Cabo Verde"; em vinte e nove de abril de mil setecentos e oitenta "como morador na Vanglória, caminho de Cabo Verde" e em dezessete de maio de mil setecentos e oitenta e um "como morador na Vanglória Freguesia deste Ouro Fino".

Pedro José Muniz juntamente com sua esposa Ana Maria das Neves, filha de Lucas Borges de Carvalho e Rita Correa da Luz, aqui constituiu família com os filhos seguintes:

<!--[if !supportLists]--> <!--[endif]-->Manoel José Muniz, nascido em mil setecentos e setenta e seis, casou-se, em primeiras núpcias, com Maria da Anunciação e, em segundas núpcias, com Maria Gertrudes do Nascimento, morador no Campestre, sendo protetor do primeiro oratório. Na praça principal de Campestre, existe uma placa comemorativa com homenagem aos Fundadores de Campestre, onde seu nome está gravado juntamente com o de seu irmão Francisco, dentro destes dizeres:

"HOMENAGEM AOS FUNDADORES DE CAMPESTRE -

FRANCISCO JOSÉ MUNIZ E MANOEL JOSÉ MUNIZ".

<!--[if !supportLists]--> <!--[endif]-->Francisco José Muniz, nascido em mil setecentos e setenta e oito, casou-se, em primeiras núpcias, com Inácia Maria e, em segundas núpcias, com Ana Francisca das Chagas. Seu nome também está gravado na referida placa comemorativa acima citada.

<!--[if !supportLists]--> <!--[endif]-->Gertrudes Maria do Sacramento, nascida em mil setecentos e oitenta, casou-se com João Nunes Carvalhaes, moradores na Varginha da Vanglória, do atual município de Campestre/MG.

<!--[if !supportLists]--> <!--[endif]-->Antônio José Muniz, nascido em mil setecentos e oitenta e dois, casou-se com Severina Alves Pedrosa, morador na Borda do Mato, bairro do atual município de Campestre/MG. Já viúvo, mudou-se para Batatais/SP. Teve também terras no atual Triângulo Mineiro, Termo de Uberaba. Antônio José Muniz, assim como seus

irmãos, consta também na relação dos habitantes do Contorno do Campestre, que pediam em um abaixo-assinado a regalia de uma capela curada e de um capelão revestido de toda jurisdição paroquial.

— Ana Gertrudes do Nascimento, nascida em mil setecentos e oitenta e seis, casou-se com Inácio José de Lóiola. Foram moradores no Campestre, onde ela veio a falecer. Seu marido e a maioria de seus filhos mudaram-se posteriormente para a região do Desemboque.

— Joaquim José Muniz, nasceu em mil setecentos e noventa e dois,

Casou-se com Maria das Cruz. Foi subscrito na criação da "Capela Curada do Campestre". Pertenceu à Guarda Nacional. Mudou-se com mulher e filhos para a região de Ituiutaba/MG., onde deixaram grande descendência.

A Família Muniz é uma das mais antigas de Campestre. Fez parte dos primeiros aglomerados humanos que ocuparam essas terras. É quase impossível conhecer a História de um povo sem uma compreensão da linhagem familiar das pessoas, por isso escrevi a história, genealogia e memórias ligadas à Pedro José Muniz e seus descendentes.

RAZÕES HISTÓRICAS

Sou campestre. Alimento desde a minha meninice o sonho de escrever a história de minha terra e de suas gentes. A curiosidade nata me fez uma colecionadora de dados, reportagens, fotos e mapas antigos, que fui juntando durante grande parte de minha vida, levando-me a interpretar dados transformados em textos guardados para um dia serem editados. É impossível desassociar nossa história de um de seus povoadores: Pedro José Muniz. Para melhor conhecer sua história, tornou-se necessário traçar sua linhagem familiar; pois, não se faz história sem entrelaçá-la à genealogia de seus construtores. Devido a Ana Maria das Neves, tive interesse em investigar e conhecer a história de seus pais Lucas Borges de Carvalho e Rita Correa da Luz, que se transformaram em personagens principais de LUCAS BORGES DE CARVALHO – SUBSÍDIOS HISTÓRICOS E GENALÓGICOS.

A saga de Pedro José Muniz pode ainda não estar completa, pois, as pesquisas evoluem sempre, são inacabáveis e surpreendentes. À medida que os fatos vão sendo descobertos, torna-se necessário o remontar dos textos. Esperamos que tudo sirva de marco inicial aos estudos da história de uma das famílias mais antigas de Campestre, pois procuramos com isso, esclarecer pontos duvidosos, obscuros e preencher lacunas do nosso passado histórico.

Quando ao início de minha vocação para pesquisadora, ela começou muito cedo. Todas as noites fui personagem de um mesmo ritual. Como era de costume nas famílias mineiras em uma época sem TV., o fio da história desfilava através da memória dos idosos que repassavam ao pé do fogão de lenha as tradições e a história de seus familiares.

Desde menina então, colocava-me ao lado de minha bisavó materna, Mariana Emília da Conceição Muniz e repetia a ela costumeira pergunta:

—Vó, conte-me de novo sobre seus pais? Quem eram eles?

Com o seu jeito manso e simples, minha bisavó enumerava os dados genealógicos seus, mostrava-me fotografias antigas, já amareladas pelo tempo, recordava, divagava, sorria, sofria, rememorava... Eram os primeiros caminhos de uma comprida jornada de vida que eu empreenderia através de pesquisas intermináveis até o ponto inicial de uma história de vidas e de fatos marcantes. Minha história de família era toda entrelaçada à história de minha Terra. Um emaranhado confuso e polêmico de lembranças, eventos, nascimentos, óbitos, vivências e existências que ultrapassavam décadas, anos, meses, dias... Minha bisavó-materna, Mariana Emília da Conceição Muniz, que conheceu a riqueza e a fortuna enquanto menina, desfrutou da tradição e o nome ligado ao avô o patriarca alferes José Joaquim Muniz e do bisavô, o capitão Francisco José Muniz, paradoxos das desventuras advindas da viuvez. Rendia-se ao passado revivido em lembranças que desfilavam em seu álbum vivo de figuras melancólicas, quase senhoris, de trajes austeros, de rostos fortes, marcados, indecifráveis...

Diante de mim, através das inúmeras narrativas, perfilaram matronas que entrelaçavam-se à rede de sua história, identificando-se com ela mesma, Mariana Emília da Conceição Muniz, filha legítima de Inácio José Muniz, filho do alferes José Joaquim Muniz, que por sua vez, foi o único filho do capitão Francisco José Muniz, que era filho do ilhéu Pedro José Muniz, um entre os primeiros moradores de Campestre. Aprendi a conviver com a lembrança e a realidade de homens e mulheres de traços severos, abrandados pelo olhar. De expressões compenetradas, aparência altiva e uma postura desafiadora, próprias da coragem daqueles que souberam construir a história. Através das informações advindas das lembranças de minha bisavó materna, Mariana Emília da Conceição Muniz, fui checando dados obtidos em uma busca incansável de muitos anos de pesquisas. Esses dados esmiçavam-se em fatos controversos, juntando evidências, comprovando notícias, comparando acontecimentos...

De documentos encontrados na história local, principalmente na dos arquivos paroquiais, cartórios, fóruns, fui rastreando caminhos por correspondência até lugares distantes de além-mar como o Arquivo Histórico Ultramarino, Palácio de Ega, Arquivo Regional da Madeira, Arquivo Nacional Torre do Tombo - Lisboa, Biblioteca Pública e Arquivo de Ponta Delgada, Ilha da Madeira, São Miguel, Funchal e acumulando a outros documentos que obtive em arquivos da região, em arquivos de Cúrias, outros arquivos regionais, no A.P.M. e A.N.R.J., etc...

Neste trabalho dediquei-me mais à História, Genealogia e Memórias de Pedro José Muniz, cujos descendentes pelo entrelaçamento natural dos seres humanos fui conhecendo outros troncos familiares, os quais também muito merecedores de idêntico aprofundamento e estudo. Muitos desses outros troncos familiares como Dias de Araújo, Lago, etc., estão sendo estudados por outros companheiros de luta, e, em breve também vão ser divulgados, a exemplo de outras famílias como os Franco que já foram carinhosamente estudados por seus descendentes. Entre os "achados" de meus colegas pesquisadores e eu, existe um ponto comum: reconhecemos que todos que passaram por nossa Terra e que deixaram aqui sua gene e o fruto de seu trabalho fizeram a construção histórica de Campestre. Perpetuaram-se através de seus descendentes, suas conquistas e vivências, tornaram-se o ceme desse meu trabalho, cujo fruto de muitos anos de pesquisas acumularam-se em um enorme acervo que foi transformado em pilhas e pilhas de textos, sintetizados neste livro.

— Mesmo aqueles que assinam outros sobrenomes diferentes, sabemos que trazem em si características de Pedro José Muniz. Uma célula-mater que multiplicou-se na descendência, vinda de vários entrelaçamentos que aconteceram muitas vezes de casamentos entre pessoas pertencentes às ramificações dos troncos iniciais, pois, não eram costumeiros os casamentos com estranhos ou até extra-familiares, comumente casavam-se, entre si, primos com primos, sobrinhas com tios. Vários foram os casos de endogamia, revelando uma forma de preservar todos os tipos de valores, inclusive os materiais. Tenho certeza quanto à veracidade dos fatos narrados e aos dados oferecidos do passado distante.



Todos estão alicerçados em enorme massa documental. Quanto às citações das novas gerações da Família Muniz, tive que recorrer à lembrança de alguns idosos, que, embora tenham dado grande satisfação em fazê-lo, muitas vezes foram traídos pela marca do tempo no fio de suas memórias. Por isso os possíveis equívocos poderão ser retificados com a ajuda dos leitores deste livro. No transcorrer das pesquisas que substanciaram este trabalho, fomos observando certos detalhes próprios do perfil de uma época: antigamente, ter uma filha era um fator preocupante... Porque não dizer falta de sorte, pois era comum a perda dessas meninas logo após os primeiros anos de casamento por serem vítimas de doenças que vinham antes, durante ou após o parto. As mulheres tinham um nome ligado a alguma devoção como: Purificação, Anunciação, Conceição, de Jesus, da Luz, do Sacramento, do Nascimento, Espírito Santo, para melhor proteção das divindades. Quanto aos varões, também buscavam a proteção de São José, o santo de maior devoção, o que explica o "José" que era equivalente a uma marca registrada no acompanhamento de todos os nomes dos filhos que surgiam desta família. Através desse jeito de assinar, conseguimos identificar os vários nomes que compunham a rede genealógica em estudo.

Tivemos dificuldades em nossas intermináveis pesquisas, quando buscávamos um descendente para completar a linhagem familiar em estudo, deparávamos com os equívocos que surgiam, frutos de registros errôneos, pois, os nomes mesmo quando constavam em

documentos podiam não ser fiel à verdade, na maioria das vezes o informante não conhecia o nome correto, da pessoa que buscávamos, com isso provocava um erro de documentação.

Imagem de São José que se encontra no altar lateral do lado direito da Matriz de Nossa Senhora do Carmo do Campestre

Com referência às primeiras décadas do século antepassado, os registros paroquiais transformaram-se em uma relevante massa documental e seu uso é costumeiro devido ao fácil acesso, pois é comum encontrar um arquivo paroquial grande ou pequeno em toda cidade. Os C.H.F. da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, com seus microfílmicos tornaram-se um poderoso recurso para os que gostam de fazer estudo de família. Aprendemos a conviver com as dúvidas que surgiam, porque os nomes apareciam sem acompanhamento de sobrenome, com isso dificultavam a veracidade das informações. Para se chegar a uma conclusão, necessitávamos sempre de outros elementos que nos levassem uma conclusão definitiva. Os nomes estranhos que apareciam vinham devido ao compadrio ou outras homenagens que os pais prestavam principalmente aos amigos ou a alguma devoção. Essas pesquisas que realizei não as fiz com o objetivo de ser genealogista por excelência, não fiz este trabalho para entrar na disputa cerrada dos profissionais carreiristas, pois, antes de tudo, escrevi por amor, foram os laços ternos deixados pelos meus que me fizeram registrar o que ficaria apenas no fio da memória.

Não sonho em transpor fronteiras além daquelas que vem dos valores afetivos. Quero apenas que o Campestre frutifique cada vez mais em seus laços de amor e fraternidade, já que formamos uma única família. Não tenho intenção esnobe, já que somos humildes, simples e sem fortuna, mas com elevado apreço para com os parentes. Tenho certeza que depois de PEDRO JOSÉ MUNIZ : HISTÓRIA GENEALOGIA E MEMÓRIAS, e LUCAS BORGES DE CARVALHO, SUBSÍDIOS HISTÓRICOS E GENEALÓGICOS, muitos irão prestar um pouco mais de atenção nos seus. Não pretendo que estes trabalhos apenas vão espelhar nas prateleiras de livrarias, mas que sejam passados de parente para parente como um aperto de mão, uma demonstração de ternura ou, até mesmo um afetuoso abraço. Não me preocupei tanto com os grandes feitos, já tão decantados pela Historiografia Oficial. Dei preferência aos pequenos fatos, casos próprios de nossa gente, relatei as singelas histórias muitas vezes narradas nas tardes findas, onde assentados à varanda conhecidas por "máscaras", eram perpetuadas na tradição oral. Nosso povo é feito de coisas simples. Os fatos ocorridos foram entrelaçando-se à alma dessa gente, tornando-os únicos e tendo na simplicidade, a máxima de Mário Quintana:

*"Haverá ainda, no mundo,
coisa tão simples e tão
pura como a água
bebida na concha
das mãos?"*

Somos assim tão simples, tão puros, mas fortes, verdadeiras esfinges de terra, vestígios de pó de estrelas.

Eneiva Gláucia de Souza Franco

A Autora

LINHA DO TEMPO

TRAJETÓRIA DA HISTÓRIA

NA DESCRIÇÃO DE RETRATOS

ENEIVA GLÁUCIA DE SOUZA FRANCO

Minha fascinação pelas origens históricas de Campestre deve-se à minha ligação genealógica com PEDRO JOSÉ MUNIZ, pela linha materna, onde os laços afetivos são mais vívidos e mais fortes.

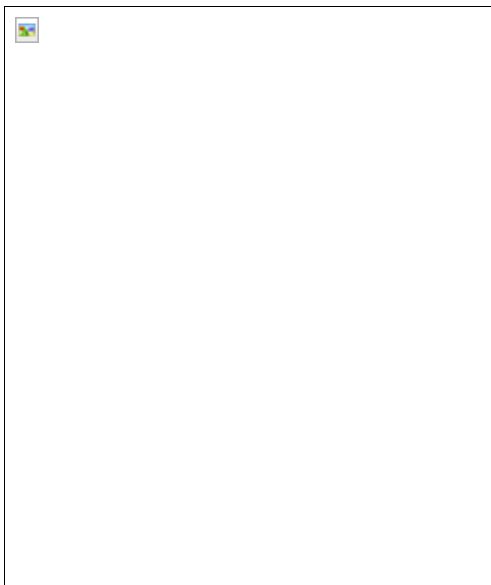
<!--[if lvm]-->

<!--[endif]-->

Eneiva Gláucia de Souza

Franco

MINHA MÃE



HELENA DA SILVA DE SOUZA

<!--[if !vml]-->



<!--[endif]-->

Uma mulher meiga de suaves e bonitos olhos azuis traz na sua linguagem simples o tom e a serenidade das pessoas que sabem ter na tranquilidade a sua maior característica.

Helena e Eneiva

MINHA AVÓ MATERNA

CECÍLIA VERA CRUZ

Filha de José Gabriel da Silva e de Mariana Emília da Conceição Muniz.

Uma mulher de aspecto dócil, mas de uma força interior inacreditável, um acendrado fiel amor pela família.

<!--[if !vml]-->



<!--[endif]-->

Um jeito simples, sem afetação e sem luxo, mas com um tom adequado para cada palavra e atitude.

Cecília Vera Cruz

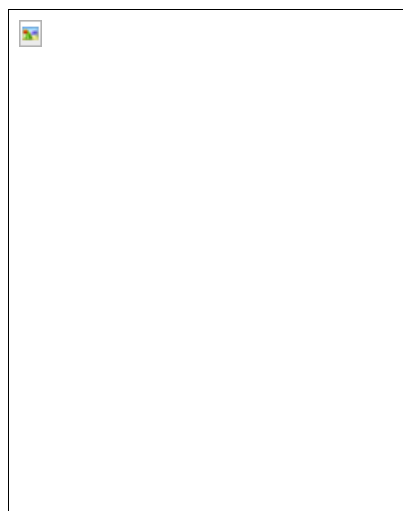
MINHA BISAVÓ MATERNA

MARIANA EMÍLIA DA CONCEIÇÃO MUNIZ

Filha de Inácio José Muniz e Ana Emília da Conceição, neta paterna do patriarca José Joaquim Muniz, bisneta paterna do Capitão Francisco José Muniz. Nascida e criada em meio à fartura e opulência da fazenda do Córrego do Ouro, propriedade de seu pai. De lá, saiu para o casamento muito jovem, como exigiam os padrões familiares.

Uma breve vida conjugal, filhos menores e a viuvez aos vinte e oito anos de idade, culminando com uma nova e dolorosa fase de sofrimentos, privações, dificuldades, carências e lutas. A menina rica que mergulha no luto e na dor em plena juventude e tem que arcar com a responsabilidade de criar os filhos sozinha, não se dobra. E vem viver das lembranças, modestamente, na simplicidade da Rua Muniz, hoje esquina com a Rua Antônio José Muniz e Antônio José Nogueira. Assim, pobre, porém de semblante altivo e maneiras delicadas, o povo a conheceu por anos e anos a fio. Uma mulher e seu destino escrevendo seu próprio diário de vida. Foi baseada nas narrativas dessa minha bisavó materna, Mariana Emília da Conceição Muniz, que consegui os primeiros dados genealógicos que consubstanciaram este meu trabalho.

<!--[if !vm]-->



<!--[endif]-->

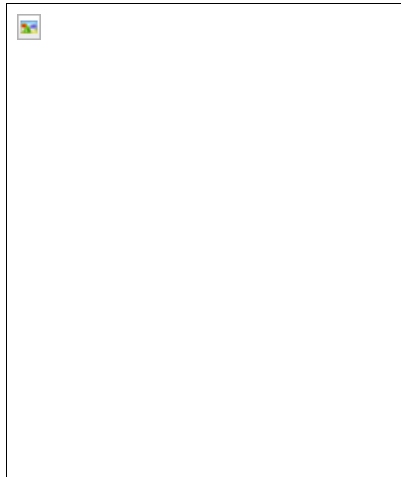
***Mariana Emília da
Conceição Muniz***

MEU TRISAVÔ MATERNO

INÁCIO JOSÉ MUNIZ

Filho do Alferes José Joaquim Muniz e Ana Justina de Jesus. Abastado fazendeiro no Córrego do Ouro. Casou-se com sua sobrinha Ana Emília da Conceição, filha de sua irmã Mariana Justina de Jesus e Felisberto Pereira de Castro, conhecida por "Sinhana", severa, altiva, personalidade forte, sempre vestida com esmero e bom gosto.

<!--[if !vml]-->



<!--[endif]-->

Inácio José Muniz

Inácio José Muniz foi um homem de semblante meigo conhecido por todos da vila Campestre como "Tio Nacin". Dono de um coração inflamado de paixão pela terra e por suas histórias.

Amável contador de "causos". Reunia em suas memórias parte de nossa Campestre, grudadas aos doces sabores, às histórias vivas, à saudade... Porque, uma história, no final das contas, é uma saudade tomada real, convertida em vida, em coisa imortal...

**MEU QUARTO
AVÔ
MATERNO**

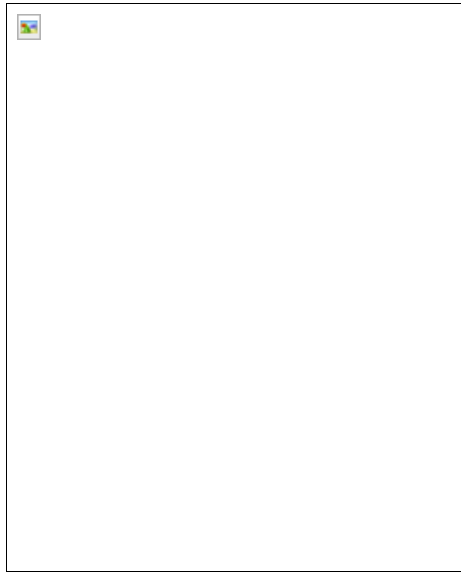
JOSÉ JOAQUIM MUNIZ

O Alferes da Guarda Nacional José Joaquim Muniz, único filho sobrevivente do Capitão Francisco José Muniz e Ana Francisca das Chagas, casado que foi com Ana Justina de Jesus, filha de Ana Inácia de Jesus Xavier e Manoel Inácio Franco. Deixou em Campestre a maior descendência da Família Muniz.

Existe na Praça Brasil, em Campestre, uma homenagem aos fundadores de Campestre Francisco José Muniz e Manoel José Muniz, na figura de seu descendente mais próximo Major Antônio José Muniz. Campestre 01-9-1842

Campestre 23-9-1926. Administração 89/92. Este Antônio José Muniz foi um dos filhos do Alferes José Joaquim Muniz e Ana Justina de Jesus.

<!--[if !vml]-->



<!--[endif]-->

Busto da figura de Antônio José Muniz,

filho de José Joaquim Muniz e Ana Justina de Jesus

(neto paterno do Capitão da Guarda Nacional Francisco José Muniz

e Ana Francisca das Chagas)

MEU QUINTO AVÔ MATERNO FRANCISCO JOSÉ MUNIZ

Filho de Pedro José Muniz e Ana Maria das Neves, neto paterno de Francisco de Araújo e Maria Moniz, neto materno de Lucas Borges de Carvalho e Rita Correa da Luz. Francisco José Muniz foi Capitão da Guarda Nacional, casou-se, em primeiras núpcias, com Inácia Maria, filha de Caetano (intelegível) e Josefa Maria da Silva. Tiveram a filha Maria.

Francisco José Muniz casou-se, em segundas núpcias, com Ana Francisca das Chagas, filha de Antônio Nunes Carvalhaes, português e de Maria da Cruz, natural da Santana do Parnaíba - São Paulo, portanto irmã de Maria da Anunciação, primeira esposa de Manoel José Muniz, irmão do Capitão Francisco José Muniz.

Do segundo consórcio do capitão Francisco José Muniz e Ana Francisca das Chagas originou-se José Joaquim Muniz, filho do casal, que casou-se, em primeiras núpcias, com Ana Justina de Jesus, filha de Manoel Inácio Franco e Ana Inácia de Jesus Xavier. Com o óbito de Ana Justina de Jesus, José Joaquim Muniz casou-se, em segundas núpcias, com Sabina Francisca de Paula, filha de Bernardo José Simões de Ana Luiza de Jesus, viúva de Francisco Borges da Silva.

Francisco José Muniz e Manoel José Muniz tem seus nomes gravados em uma placa comemorativa fixada na Praça Brasil na cidade de Campestre/MG., conforme pode-se observar na foto abaixo:

No mais antigo Livro de Tombo que hoje existe no Arquivo da Paróquia de Nossa Senhora do Carmo, há uma citação com referência a dois irmãos da Família Muniz e a localidade da construção da primeira Capela do Campestre: "(...) era ladeada por dois córrego de límpidas águas, achou o lugar muito apropriado para um arraial beirando à sua fazenda conversou com seu irmão e ambos se concordaram de forma a fazerem uma capela e o outro um cemiterio(...)" Livro de Tombos da Paróquia de Nossa Senhora do Carmo do Campestre.

Praça Brasil, Campestre/MG.
Busto da figura do Major Antônio José Muniz

MEU SEXTO AVÔ MATERNO
PEDRO JOSÉ MUNIZ

Descobri a raiz documentada de Pedro José Muniz entre velhos livros entijolados e perfurados pelas marcas do tempo na Paróquia de Cabo Verde. Só a paciência própria dos que buscam a verdade permitiram-me descolar pedaços por pedaços de folhas que mais pareciam um mosaico artístico tecido por anos e anos no caprichoso fio do tempo. No término dessa remontagem descobri um assento de batizado de sua filha "Anna", onde estavam registrados os fatos básicos que faltavam-me para compor a história de Pedro, tais como: naturalidade, filiação, etc...

Pedro José Muniz, natural da ilha de São Miguel, filho de Francisco Araújo (algumas vezes encontrei referência a um Francisco Lisboa Araújo, creio tratar-se da mesma pessoa) e Maria Muniz, casado com Ana Maria das Neves, filha de Lucas Borges de Carvalho e Rita Correa da Luz. Lucas Borges de Carvalho era filho de Manoel Borges de Carvalho, natural da ilha da Madeira e Antônia Maria Barreto, natural de Nossa Senhora do Calhau. Lucas Borges de Carvalho era neto paterno de Pedro Borges e Joana Pimentel; e neto materno de Felipe de Cairos e de Luiza Francisca. Rita Correa da Luz era filha de José Correa de Lemos e Maria Machado de Azevedo.

Furnas - Ilha de São Miguel (*)

"A História de um Povo é a História de suas famílias"

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Daniel de. Novos Estudos e Depoimentos. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1959.

CASASSANTA, Guerin. O registro de Ouro Fino, 1776-1782. In Gazeta de Ouro Fino, 1953

DOCUMENTOS INTERSSANTES, para a História e Costumes de São Paulo. Typographia a Vap. Espindola, Siqueira e Comp., São Paulo. 1896, V. XI.

FRANCO, Eneiva Gláucia de Souza. Lucas Borges de Carvalho - Subsídios Históricos e Genealógicos. 1ª. Ed., São Paulo: Edicon, 1988.

FRANCO, Eneiva Gláucia de Souza. Pedro José Muniz: História, Genealogia e Memórias. 1ª. Ed., Aparecida São Paulo: Editora Santuário, 2001.

GANCHO, Cândida Vilarés; TOLEDO, Vera Vilhena de. Inconfidência Mineira. Editora Ática, São Paulo. Série Princípio, 1991.

LIMA JÚNIOR, Augusto. A Capitania das Minas Gerais. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1978.

SANTOS, Wanderley dos. Antecedentes Históricos do ABC paulista - 1550-1892. Secretaria de Educação, Cultura e Esportes - Departamento de Cultura - Prefeitura do Município de São Bernardo do Campo, SP - 1992.

NOTAS

FRANCO, Eneiva Gláucia de Souza. Lucas Borges de Carvalho - Subsídios Históricos e Genealógicos, p. 155 - 3ª Ed., Campesre-MG. 2005.

Já foram transcritos in: FRANCO, Eneiva Gláucia de Souza. Lucas Borges de Carvalho: subsídios históricos e genealógicos. , 1ª.ed. São Paulo: Edicon, 1998, da p. 223 à p. 246.

SANTOS, Wanderley dos - Antecedentes Históricos do ABC Paulista - 1550 -1892, p. 29.

SANTOS, Wanderley dos - Idem, p. 228.

CAPELA DO PILAR - "Foi fundada em 1.714, no bairro de Caaguaçu, pelo capitão-mor Antônio Correia de Lemos, com provisão do bispo do Rio de Janeiro, Dom Francisco de San Jerônimo, sendo benta pelo guardião de São Francisco, frei Pacífico, no mesmo ano. Para a construção da Capela do Pilar, o capitão Lemos obteve recursos em 26 de fevereiro de 1.714 junto ao Juízo de Órfãos de São Paulo, através da assinatura do termo de dinheiro. O empréstimo foi quitado em 29 de Setembro de 1.715. Para o empréstimo, o capitão Lemos hipotecou uma casa de morada junto de Santa Teresa, vizinhanças da atual Praça Clóvis Bevilacqua, em São Paulo. Dezesseis anos após a construção da Capela, em 12 de março de 1.730, o padre João Bernardo de Jesus, religioso do Carmo, fez o batizado do capitão Lemos na capela. A Igreja reconhecia na figura do capitão o protetor da ermida. Em março de 1.732, o visitador da Capitania de São Paulo, por ordem da Diocese do Rio de Janeiro, na Sé, afirmou textualmente: "(...) os paramentos da "Capela de Nossa Senhora do Pilar de que é protetor capitão-mór Antônio Correias de Lemos", devem ser das cores: "branco, roxo e verde"; por tempo de dez meses. Antes de 1.735, o fundador da capela doou ao templo um escravo de nome Inácio, "por nele obrar a Sra. um evidente milagre, restituindo-lhe a vida, que de uma grave enfermidade a tinha quase perdida". O escravo ficou conhecido por Inácio Milagre ou Inácio do Pilar. O capitão Antônio Correia de Lemos faleceu a 23 de julho de 1.735. Foi sepultado na igreja da venerável Ordem Terceira do Carmo na Cidade de São Paulo. Deixou por testamentários: Antônio Correias de Lemos (filho) e Lourenço de Lemos e Francisco Correias de Lemos. Desde sua fundação a localidade onde está a capela do Pilar foi integrada ao vastíssimo território da freguesia da Sé, de São Paulo. Em 13 de agosto de 1.954, passou a pertencer à recém-criada Diocese da Santo André. Apesar da farta documentação acerca da capela, várias vezes o templo foi relacionado, erroneamente, com a Vila de Santo André da Borda do Campo, aparecendo como ano de sua fundação o 1.549 (...) A I festa do Pilar foi realizada pela Prefeitura de Ribeirão Pires em 1º. de Maio de 1.977. Esta festa é realizada anualmente até os dias presentes. Em Dezembro de 1.982 foi lançado o Guia dos Bens Tombados de São Paulo, pelo Condephat, onde é aceito plenamente o ano de 1.714 como o da fundação da Capela do Pilar". Cf. SANTOS, Wanderley dos. Antecedentes Históricos do ABC Paulista - 1550-1892, pp. 140, 141.

Antônio Correa de Lemos - "Aos vinte e três de julho de mil setecentos e trinta e cinco (1.735), faleceu da vida presente com todos os sacramentos Antônio Correa de Lemos, foi sepultado na Capela da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, amortilhado no mesmo hábito, era natural desta cidade nella mandou, deixou se lhe fizesse por sua alma hum officio de Corpo presente e se lhe dicessem cento e nove missas a saber sincoenta a Santíssima Trindade, e sincoenta por sua alma, três ao Anjo da Guarda, três ao Santo de seu nome, e três a Nossa Senhora do Carmo, deixou por seos testamentários a seu filho Antônio Correa de Lemos, a Lourenço Correa de Lemos, e Francisco Correa de Lemos e al. não há dicas de freguesia, tomo que assigney. Matheus Lourenço de Carvalho. Ribeirão Pires - Registro de Óbitos da Catedral (Sé) - 1.731-1.757 - ACMSP - 01.02.38 fls. 19

Recenseamentos da cidade de São Paulo 1.765 -1.767, in Documentos Interessantes para a história e costumes de São Paulo - Arquivo do Estado de S. Paulo, 1.937 - v. 62, p. 177.

Inventário de Lucas Borges e sua primeira mulher Rita Correa da Luz, e da segunda mulher, Ana Nunes Cardoso, Inventariante: seu neto Manoel José Moniz, in Folha: 77 (v), 2º. Ofício, Caldas-MG.

Processo 1435 Art. 8º. A.N. - RJ.

CARVALHO, Daniel de. Novos Estudos e Depoimentos. 1959, p. 70.

"Trapeiros eram comerciantes ambulantes que percorriam os vários caminhos que ligavam Minas ao resto do Brasil. Conduziam tropas de burros, que carregavam mercadoria. Além desta função específica, os tropeiros aglutinavam na sua pessoa as instituições então inexistentes no Brasil-Colônia: banco (porque trocavam dinheiro por ouro e vice-versa) e imprensa (pois traziam e levavam notícias num país tão extenso e carente de informações)." In GANCHO, Cândida Vilarés & TOLEDO, Vera Vilhena de. "Inconfidência Mineira" p. 24.

Indique este artigo para um amigo

Entre em contato com o autor deste artigo

Comunicar a Direcção do Portal um erro ou denunciar conteúdo impróprio